



PALACIO DAS TUILERIES VISTO DO LADO DOS JARDINS.

No PRINCÍPIO do século 16.^o, o senhor de Villeroi possuía uma casa de campo com jardins, de vasto âmbito, fóra da cêrca de Paris, onde chamavam o *areal*, *la sablonnière*; mas como ahí se estabeleceu uma fabrica de telhas brevemente o sitio mudou o nome para o de Tuileries, que ordinariamente vertemos em portuguez por *Tulherias*, não sabemos se com rasão, porquanto de *telha* mais naturalmente se derivaria *telharia*, e não aquelle vocabulo que de algum modo allude a *tulha*, que exprime o monte de grãos cereaes e de outros fructos no celleiro.

Francisco 1.^o em 1518 comprou essa quinta e palacete de regalo para habitação de sua mãe, Luiza de Saboya: Catharina de Medicis o augmentou, porem a sua pompa de residencia real veio-lhe das construcções que se lhe renovaram, ou acrescentaram, nos reinados de Henrique 4.^o e Luiz 13.^o, concluindo-se no de Luiz 14.^o, o qual mandou tambem fazer os afamados jardins, que adornam estes paços, segundo o plano do celebre Le Nôtre. São elles symmetricos, como os de Versailles, compostos de grandes ruas em linhas rectas, de vastos canteiros de flores, de maciços d'arvores, tudo regular, sujeito a compasso, e uniformemente tosado e recortado; mas povoados de grandes obras da arte, como bellas estatuas, tanques magnificos com repuchos maravilhosos e uma infinidade de ornatos de muito valor. Estes jardins da habitação da casa real pôde dizer-se que constituem o passeio mais frequentado pela gente limpa de Paris, desde pela manhã até ás 10 horas da noute; é brilhante o concurso das pessoas de ambos os sexos que alli se encontram, ou correndo as alamedas e conversando, ou sentados em cadeiras á sombra do arvoredado lendo jornaes ou livros, e até algumas senhoras costurando: aos domingos sobe em

numero a concurrencia; occasiões ha de se ajuntarem para cima de 50:000 individuos. Ha uma cousa notavel para nós povos meridionaes, e vem a ser que no verão se organisam as alamedas ou ruas guarnecidas de lorangeiras, trazendo estas arvores dispostas em caixotes e alinhando-as; estas caixas guardam-se durante a estação invernososa, por causa do rigor do clima, dentro de armazens a que chamam *orangeries*, e onde se cultivam e preservam nesse tempo outras plantas igualmente mimosas, que todavia não carecem do calor das estufas, e que basta só defendê-las do ataque das geadas e caramelos excessivos.

O paço das tuileries, se o considerarmos reunido ao Louvre (*) com o qual se pôde reputar unido por uma extensa galeria á beira do Sena, é das mais vastas residencias reaes, que na Europa se conhecem. A grandeza d'ambos, e de seus magestosos jardins, os museus de antiguidades, de pinturas e outras obras primorosas, e mui escolhidas, das diversas artes, os realçam e lhes dão nomeada entre os distinctos, como cumpria á magnificencia dos monarchas que presidem a uma nação de mais de trinta milhões de almas, e que entre as outras da terra se abalisa pelo gosto, polidez, amor das sciencias e da litteratura.

ESTABELECIMENTO DOS FORAES EM PORTUGAL.

NA HISTORIA dos primeiros seculos desta monarchia se devem reputar como elementos primordiaes as lutas continuadas do clero com a corôa e a origem e formação das *communas*, ou concelhos de regimen municipal e independente.

(*) Vide ácerca do Louvre a pag. 372 do vol. 2.^o

Sem ligação íntima entre si figuram estes dois objectos tanto, e são tão dessa epocha, que a poderemos com propriedade denominar — das constituições municipaes e das desavenças do clero. — Datam estas do fim das guerras d'elrei D. Affonso Henriques, e vão inda involver-se nos annos que constituem o primeiro terço do seculo decimo-quinto; e aquellas nascidas e medradas junto com a monarchia vão perder-se no feliz reinado d'elrei D. Diniz.

As lutas do clero tiveram origem na sua já adquirida preponderancia, a qual procuraremos primeiro explicar, precedendo como se segue a descripção da molestia, das suas causas e principios.

A influencia poderosa do alto clero bem se manifesta e descobre nas leis wisigothicas. — As mesmas juntas ecclesiasticas, que elevaram o rei ao throno, deram tambem leis ao reino; é verdade que a principio foram apenas normas espirituaes, mas a supremacia do clero hespanhol pôde dominar por muitos modos no estado, na vida civil e até na privada. — Muitas vezes as mesmas leis foram puramente politicas, e diziam respeito aos interesses do throno, do castello e da choupana. — Os senhores tinham apenas uma parte bem diminuta em todas estas leis, e a vontade do povo não era consultada nem tida em conta. — O código wisigothico fôra em parte composto dos decretos de concilios, e as outras leis sahiram quasi todas de pennas ecclesiasticas. — Os reis tiveram, durante seculos, sacerdotes não só por confessores, como por conselheiros e secretarios privados do gabinete. — Muito tempo se passou até que os cavalleiros se decidiram a trocar ás vezes a espada, que tão bem manejavam, por uma penna muitas vezes ingrata, e a disputar o privilegio de saber escrever aos prelados que o possuíam com monopolio, na conformidade das suas idéas e das do seculo. No tempo dos reis wisigodos o clero hespanhol, gozava em tudo e a tal respeito da sua idade de ouro, e por tal fórma que parecia nada mais poder cubiçar. — Entretanto esses tempos foram seguidos de outros mais calamitosos. Ao lado de cathedraes se ergueram mesquitas, — ou antes aquellas se metamorfosearam nestas; os magnificos apartamentos dos prelados cahiram em ruinas, fugiram os pastores, e as riquezas que elles haviam ajuntado foram presa dos que venceram. — As abbas e bispados só ficaram existindo na memoria dos homens, até que pouco a pouco se foi de novo organisando uma côrte christã, que se propunha a reinar em paizes ainda por conquistar. Crearam-se por isso muitos bispos *in partibus infidelium*, e Oviedo — residencia interina de todos — se chamou com bastante propriedade a cidade dos bispos. — O nome do seu antigo poder inda restava; mas esse mesmo poder desaparecera desde que se lhe cortára o vigor — a propriedade. — Logo que se foram conquistando terras aos infieis, o clero hespanhol começou outra vez a tratar das suas novas despesas e a fazer-se datar. — Felizmente para elle achou abertos os corações e as mãos dos reis e dos senhores, e substituiu em parte o que tinha perdido com o que só os pobres conquistadores lhe poderiam doar. Mas de que serviam ao clero estas porções de terra devastada pelos passos pesados da guerra, e que não foram abandonados pelos sarracenos senão depois de nelles pelejarem uma peleja de morte ou vida. — Os maiores concelhos eram pobres, e pelos campos apenas se via de quando em quando no meio de uma extensão deserta algum miseravel casebre, habitado por um lavrador, cuja pequena cultura fornecia a custo o terço do sustento para si e sua familia. — Muitos braços activos se careciam para cultivar outra vez o solo novamente reduzido a charneca

a fim de sacar delle os thesouros da abundancia, que podiam só inspirar esperanza de melhor porvir aos prelados descontentes do presente, e jámais esquecidos dos doirados tempos passados. — Não era necessario tanta politica da parte do clero como por outras vezes elle tivera, para conhecer que urgia renunciar a planos e pretensões muito amplas, e fixar só a attenção no objecto mais essencial. — Era d'interesse reunir em comunidades os lavradores dispersos a fim de que por auxilios mutuos é bem entendida repartição do trabalho a sua actividade fosse mais convenientemente aproveitada. — Deviam melhorar-lhes a sorte, conceder-lhes muitos privilegios e franquias que os instigassem a desejar a vida social e preferir as suas vantagens; convinha offerecer-lhes protecção que lhes segurasse o livre gozo dos fructos do seu trabalho, e lhes animasse e excitasse nova actividade. — Tal era o estado de cousas, quando foram promulgadas as primeiras leis communaes, e concebe-se até que ponto a necessidade e a prudencia não permittiam da parte do clero senão uma intervenção benefica. Eis o principio da instituição dos *foraes* e dos concelhos. O fim da sua creação fica já bem claro, e a historia não precisará de mais nada para fazer justiça a cada um dos primeiros reis do que declarar quantos e quaes concelhos elle creou, regularizou, ou confirmou por meio dos *foraes*. — Porém a historia não pôde para desempenhar a missão luminosa, que nos ultimos tempos se lhe tem destinado, limitar-se a tão simples indicações. — Das communas vieram com effeito, principalmente á vida popular, as disposições e tendencias, o espirito do povo e costumes proprios. Eram os concelhos os membros intermedios entre os povos e a corôa: sobre elles repousava a existencia do estado, cujos sustentaculos eram nos primeiros seculos da monarchia; — porque o estado era então menos a reunião de alguns concelhos sobre si; ligados só pelo reconhecimento do rei ou chefe commum, do que uma reunião obediente á lei e vontade d'um só. É pois não só importante senão até indispensavel penetrar muito fundo nesse systema communal, sua existencia, funções e relações &c. É a este interessante assumpto, tão novo para a maior parte dos leitores, que nos resolvemos a dedicar algumas columnas do Panorama.

Portugal foi na primitiva um paiz conquistado, e só pelas armas foi crescendo, até alcançar proxima-mente os seus actuaes limites. — Esta marcha influiu a olhos vistos no desenvolvimento da população, na vida dos povos e nas instituições do estado. Foi tambem essencialmente influente na primeira cultura da terra e na origem, organização e constituição dos concelhos. As guerras duradouras e sanguinolentas com os sarracenos tinham por toda a parte deixado tristissimos vestigios. As cidades estavam arruinadas, quasi todas as villas e aldéas reduzidas a cinza, innumerados trabalhadores e lavradores ou tinham experimentado o alfange inimigo ou a mingua e miseria. Os campos eram como dissemos devastados e desertos; as tentativas inimigas tanto dos mouros como dos christãos eram destruir as searas e assenhorar-se do campo. Foi assim que a agricultura, tão florescente nestes paizes no dominio dos arabes, cahiu de novo na infancia, e a população se viu quasi geralmente disseminada por diversos pontos. Esta dispersão da população embargava o progresso da agricultura. Em algumas provincias os unicos indicios da presença e actividade do homem limitava-se ao amanho de algumas terras já cultivadas, raras vezes relacionadas com outras vizinhas.

Foi no reinado d'elrei D. Affonso 3.^o que as povoações se augmentaram e engrandeceram prodigio-

samente, e fizeram que a posteridade bemdisse a memoria desse rei, que por uma manifesta usurpação teve o sceptro, e lhe chamasse o *Povoador*. — Uma pequena corrente que refrescava o paiz, de que bebiam os rebanhos e satisfazia commodamente ás necessidades da vida commum — atrahia alguns lavradores, alinhavam suas casas com as margens da ribeira, e desta aglomeração resultava uma existencia social — um concelho.

Foi assim que, por citarmos algum exemplo, dez casas formaram á margem direita do Douro o concelho de Barqueiros, ao qual D. Sancho 2.^o dera foral em 1223. — Similhantermente aconteceu com outros logares cuja fertilidade atrahia a ensaios agricolas. — A venda facil e mais vantajosa que se encontrava na proximidade de alguma povoação ou convento convidava o estabelecimento nas suas proximidades — tanto mais que em caso de aggressão ahi se achava mais facilmente protecção e asylo. — Foi sem duvida por esta fórma que nasceram os *burgos* em Portugal. — Entendia-se nesses tempos por burgo o arrabalde de uma cidade, villa, castello ou convento [que então eram acastellados], — ás vezes até governado por leis especiaes. — Aos habitantes do burgo de Guimarães, que pouco antes fôra murada, dera o conde D. Henrique em particular um foral separado e diferente no anno de 1158. Quando os frades de Cister vieram a Portugal denominaram tambem burgos ás povoações que levantaram dentro dos coutos dos mosteiros que fundaram; Arouca, Lervão, Salzeda e Tarouca são deste numero. — Quando o papa Celestino 3.^o confirmou, em 1193, as bullas de seus antecessores a favor deste ultimo mosteiro, concedeu-lhe de novo “que se não podesse fazer casa ou palacio na distancia de uma legua deste, de que podesse originar-se algum escandalo ou perturbar-se a paz e socego dos monges” — Assim tinham estes affastado de si e de seus burgos os nobres poderosos cuja influencia os poderia vir a opprimir. . .

Porem basta de andarmos errantes por terras estereis, que apenas offerecem para descanso alguma casa miseravel e poucos campos começados de novo a agricultar; eis-nos chegados finalmente perante os muros de algumas cidades e villas fechadas de cercas; e esperâmos gosar do socego de que havemos mister para satisfazer a diversas exigencias que nos aguardam.

Já o seu exterior indica diversa origem e variados destinos, e faz com antecedencia suppor heterogeneidade nas suas relações interiores e situação dos habitantes. — Os velhos muros esboroados, desunidos das cidades e villas principaes de reino, e o genio de architectura, são testemunhas de que já nellas trabalharam braços romanos, e que as devastações dos povos subsequentes foram reparadas em tempos mais modernos. — Mas como os fundadores eram romanos, e subsequentemente os suevos, wisigodos, sarracenos e portuguezes tambem ahi lançaram alguma pedra, para concertar naturalmente o que elles mesmos teriam antes derrubado, deixaram todas estas nações nos mesmos muros vestigios da sua presença, dos restos ou destroços desses mesmos povos, — das suas instituições e dos seus proprios usos. — A elevada cathedral de outro logar murado, ou o rico palacio ameado do convento que se alevanta orgulhoso sobre os modestos predios urbanos circumvisinhos, faz crer que a necessidade e dependencia dos estabelecimentos religiosos reuniram habitações mundanas em derredor das espirituaes, e igualmente que o mais monastico concelho foi tambem creado e organizado com vistas civis. A fortaleza feita em outro logar na fronteira do reino, ou a construcção atre-

vida e orgulhosa d'um castello com barbacans e torres, mostra a necessidade da defesa contra um inimigo externo, e prova que os mesmos riscos continuados a fizeram alargar e augmentar. — Só grandes vantagens poderam recompensar obrigações tão peniveis; e só grandes privilegios e franquias poderam ligar a estas atalaias, sempre ameaçadas, o habitante que se viu obrigado a trocar o arado pela espada. — Qualquer que fosse porem de principio o destino destas aldéas e villas cercadas de muros — e por mais variadas que tivessem sido as relações, direitos e obrigações da povoação, o que é certo é que ellas necessitavam de uma organização civil bem regulada no seio do districto. — Esta necessidade foi depois satisfeita. — Desde o principio do seculo XII até o começo do XIV, e principalmente no reinado de Affonso 3.^o, a maior parte dos concelhos em Portugal obtiveram privilegios ou foraes, de modo que estes formam uma especialidade mais saliente desta epocha, em que o systema communal se desenvolve e torna florescente. —

Nem só os reis e principes davam foraes ás povoações — os grandes do reino, os grão-mestres das ordens de cavallaria, os bispos e priores d'alguns mosteiros distribuïam tambem delles muitos aos concelhos que lhes eram sujeitos. — Elrei confirmava ordinariamente os privilegios destes ultimos. — Ás vezes o foral era dado por elrei, conjunctamente com o senhor da terra. Se era julgado de mais conveniencia algum foral, ou se era pedido por muitos concelhos, ou até por uma provincia inteira se estivesse em circumstancias identicas, outorgava o rei a todos o mesmo foral. — Foi assim que elrei D. Affonso Henriques renovou os foros que D. Fernando o grande dera aos concelhos da Pesqueira, Penella, Paredes, Souto, Linhares e Anciães com fins de promover esses povos a cultivar a Estremadura. — O *fuero* d'Avila em Castella foi naturalizado em Evora, e d'ahi passou a quasi todas as povoações do Alemtejo, em quanto o de Salamanca, essencialmente differente, lavrou por grande parte dos logares e territorios das provincias septentrionaes do reino. A predilecção decidida que havia por estes direitos locais, e a rapidez com que elles se propagaram, convencem-nos de quanto eram uma necessidade da epocha, e de que as leis e regimentos cahiam em desuso por superfluas. — Quando Portugal se separou de Castella seguiu ainda por algum tempo as leis deste reino. — O codigo wisigothico esteve longamente em vigor, e é muito citado nas escripturas de doações, testamentos, contratos e sentenças judiarias nos primeiros tempos; — porem as citações tornam-se cada vez mais raras até que de todo desaparecem. — As despezas que faziam os concelhos nesses tempos para mandar tirar copia deste codigo consideravel, a difficuldade de achar juizes e funcionarios que fossem não só familiares com esta abundosa legislação, mas tambem com a linguagem da mesma, cujo conhecimento se ia perdendo cada vez mais, tudo isto, bem que não deixasse de ser circumstancia externa, tornavam pouco favoravel o uso de tal collecção. — Demais este codigo, arranjado com o fim de reger uma grande monarchia, convinha pouco a estas pequenas communas, que formavam tantas mós civis independentes. — Nascêra o dito codigo sob circumstancias inteiramente diversas, e tinha sido composto e publicado com fins bem differentes. — O legislador dos concelhos nascentes impunha-se pelo contrario o dever de consultar os variados principios da sua origem, assim como a sua posição actual, necessidade e recursos — cuidava mais da individualidade e da pratica. Tinha encontrado

todos os materiaes promptos no codigo wisigothico ou *fuero juzgo*, só destes escolhia os que iam satisfazer as necessidades mais urgentes do concelho, e ainda os modificava quando as circumstancias o reclamavam. O fim e destino dos foraes eram demasiado patentes para que um senhor temporal ou espirital podesse introduzir clandestinamente seus planos nos mesmos foraes, e quizesse confiar ao porvir os resultados do seu egoismo, ainda querendo nós conceder-lhe uma profunda providencia — inteiramente alheia á civilização desses seculos. — Alem disso parte das disposições eram tão uniformes e sabidas — tão presentes ás partes e ao juiz que muitas vezes nem escriptas eram; — e dali vem esses direitos de habito a que se referiam os antigos e novos foraes, cujo conhecimento tão interessante hoje nos fôra quanto seria superfluo naquelles tempos o enuncia-los. Quando se escrevia o foral nelle entravam ás vezes disposições exaradas pelas mesmas palavras com que tinham corrido por muito tempo como em rifão de boca em boca. — O escrivão menos letrado era o melhor, e qualquer que se tenha familiarizado um tanto com o estillo dos foraes terá reconhecido que de certo não era dos mais aprimorados. — Assim não tivessem os poderosos a final tido nelles tanta inge-rencia! Os foraes são pois a imagem fiel das ideas, usos e costumes do povo que os produziu, e fornecerão a pintura veridica e ingenua dessa epocha. Guardemos a sua analyse para outro artigo.



FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA.

POETAS PORTUGUEZES.

I

SÁ DE MIRANDA.

As letras que não achára
As trouxe de fóra á terra
Ajuntou-as á nobreza
Com quem d'antes tinham guerra.
Sá de Mir. — Paraphr.

Francisco de Sá de Miranda, poeta dos mais conhecidos nas Hespanhas, nasceu em Coimbra ao 27

de Outubro de 1495, no dia em que elrei D. Manuel subiu ao throno. Não se esqueceu elle de assim deslindar [imitando Virgilio] duvidas e contes-tações que a curiosidade, e ás vezes a emulação, suscitam, como temos exemplo no Homero grego e no portuguez tambem. Eis uma das suas declarações:

.....
Da antiga e nobre cidade
Sou natural, sou amigo,
Sou porem mais da verdade.

.....
Cidade rica do santo
Corpo do seu rei primeiro
Qu'inda vimos com espanto
Ha tão pouco tempo inteiro
Dos annos que podem tanto.

Rei a quem se Deus mostrou
Rei que tantos reis venceu
Rei que taes reis nos deixou
O bom filho hi se lançou
Que até Sevilha correu.

Outro rei nosso sem mal
Que lhe empeceu a bondade
O quarto de Portugal
Qual teve elle outra cidade
Que lhe fosse tão leal?

Qual a sua fé salvou
Por tanto trabalho e medo?
Qual outro tanto esperou?
Qual outro as chaves mandou
“Ao rei já morto em Toledo?”

Só estes factos nos tem já acusado o nome de Martin de Freitas e da sua Coimbra, patria do Actor?

Foi Francisco de Sá irmão do celebre Mem de Sá, governador do estado do Brasil. — Seus pais, Gonçalo Mendes de Sá e D. Filippa de Sá, distinguam-se pela nobreza proveniente do serviço de seus antepassados. Coursou na patria regularmente os primeiros estudos com distincção; e na universidade portugueza se formou e tomou o grau de doutor, diz-se que por comprazer com seu pai, o que é comprovado pela resolução que por sua morte tomou o mesmo Francisco de Sá de preferir uma cadeira de philosophia. Depois, a fim de vigorar a sua leitura, emprehendeu uma viagem por varias cidades de Hespanha e Italia, como elle mesmo confirma:

Eu vi Roma, Veneza e vi Milão
Em tempo d'hespanhoes e de francezes,
Os jardins de Valença d'Aragão
Em que amor vive e reina e força ganha.

Voltado a Portugal entrou na corte, e não obstante a muita protecção que recebia de elrei D. João 3.^o e do principe seu filho, retirou-se em virtude das intrigas de certo cortezaõ influente, o qual, ao que parece, se picou com uma allusão que lhe fizera na egloga de Aleixo. Como tivesse antes sido agraciado com uma commenda de Christo, chamada das Duas Igrejas, ao pé de Ponte de Lima, foi habitar perto d'ahi em uma quinta chamada da Tapada [arcebispado de Braga]. Lá passou o ocio poetando e satisfazendo áquella sua inclinação á vida campesina, que o fez clamar:

Oh vida dos lavradores
Se elles conhecessem bem
As vantagens que tem!

É dahi que elle escrevia ao principe D. João remettendo-lhe algumas composições:

Tardei e cuido que me julgam mal
Qu'emendo muito, e qu'emendando damno
.....
Eu risco vou-me d'anno em anno
.....
Ando com os meus papeis em differenças

Ainda hoje acontece o mesmo por cá.
Não obstante ser muito familiar aos vates o queixar-se da sua situação, Sá de Miranda parece que não estava descontente no seu retiro. Ao menos assim o diz:

Dias ha que me escondi
C'o que li, c'o que escrevi
Inda me não enfadei.

E não só não se enfadára, mas dizia cubiçar a situação também de retiro do seu amigo Bernardes:

«Oh que inveja vos hei a esse correr
Pela praia do Lima abaixo e arriba!»

O prazer, que tinha o poeta no retiro, deu até a conhecer depois o mesmo suaviloquo Bernardes:

«O nosso Sá de Miranda que entendeu
A sem rasão do mundo a tirannia
Aqui entre estes montes s'escondeu
Onde senhor de si livre vivia.»

Descontente se mostrava só o bom Sá

«Do gosto da cubiça e da rudeza,»

lamentado também pelo seu immortal contemporaneo, que via não lhe conceder o ninho paterno

«O favor com que mais se accende o engenho.»

Era do retiro que este portuguez contemplava a patria, estudava-lhe os males que a haviam de gangrenar e os publicava; — publicava-os dizendo-os ao proprio rei, que tinha prudencia bastante para o ouvir, e instrucção também sufficiente para se deleitar com as suas quintilhas, que algumas vezes não deixam de estar impregnadas de verdades duras a ouvidos cortezãos. — Demos uma amostra:

E por muito que os reis olhem
Vão por fóra mil enchaços
Que ante vós senhor s'encolhem
D'uns gigantes de cem braços
Com que dão e com que tolhem.

Quem graça ante o rei alcança
E hi falla o que não deve
[Mal grande da má privança]
Peçonha na fonte lança
De que toda a terra bebe.

.....

Homem d'um só parecer
D'um só rosto, uma só fé

D'antes quebrar, que volver
Outra cousa póde ser
Mas de corte homem não é.

.....

Senhor, hei-vos de fallar
[Vossa mansidão m'esforça]
Claro o que posso alcançar
Andam para vos tomar
Por manhas que não por força.

Per mimos trazem suas azes
Encubertos seus assanhos
Falsas guerras, falsas pazes
De fóra são mansos anhos (*),
De dentro lobos robazes.

Estas verdades, de mistura com alguns ingenuos e sinceros elogios e conselhos, parece que não desagradavam a elrei.

Algumas das suas bem sabidas satyras nos parecem hoje menos justas; alludimos principalmente áquellas que o cantor das glorias lusitanas com tanta felicidade reuniu nos brados do velho agoureiro que ficava em terra, motejando no caes os que iam nos mares buscar glorias para a patria ter nome distincto na historia universal.

Sá de Miranda era versado em humanidades: conhecia os classicos latinos, e diz-se que sabia tão bem o grego, que não só lia correntemente os livros, como até os marginava nesta mesma lingua. Conhecia também a litteratura italiana e a hespanhola — tanto castelhana como a nascente portugueza. Elle o diz:

.....

.....

Liamos pelos amores
Tambem escriptos d'Orlando
Envoltos em tantas flores.

Liamos os Assolanos
De Bembo, engenho tão raro
Nestes derradeiros annos,
C'os pastores italianos
Do bom velho Sanazaro.

Liamos pelo alto Lasso,
Com seu amigo Boscão,
Honra d'Hespanha que são.
Ia-me eu passo a passo
Aos nossos que aqui não vão.

Seriam talvez Garcilasso e Boscan, e quem sabe também se foram estes nossos que concorreram para Sá de Miranda tanto compor em castelhano, sendo muito para sentir que nesta lingua escrevesse elle uma das suas melhores composições — a *Fabula do Mondego*. — O poeta neste ponto sujeitou-se muito ao gosto do tempo que não deixava de ser muito acastelhanado, do que fizeram pouco caso Bernardim Ribeiro e Camões. Bem hajam elles. E aqui vem a ponto tocar n'um engano, que não obstante ser de manifesta correcção, voga com muitos outros

(*) Nas edições conceituadas de melhores parece que por não soar bem este termo a algum editor se emendou este verso, dizendo-se:

«De fóra mansos cordeiros.»

e para harmonisar a rima se mudou também o segundo verso da quintilha neste

«Os rostos de tintureiros.»

Que lembrança!!

sem ter quem lhe acuda. — Diz-se que o jugo castelhano foi a causa principal de tantos escriptores portuguezes preferirem esta lingua á sua. Cremos que não é tanto assim: e ainda que damos á litteratura a maxima parte nas inclinações nacionaes e vice versa, [isto a tal ponto que já nos lembrámos de attribuir ao patriotismo portuguez que inspiram os Lusíadas e as primeiras decadas a causa original da revolução de 1640], ainda que nos persuadimos, dizemos, que o jugo castelhano devia fazer Portugal um tanto acastelhanado, comtudo na litteratura essa introdução e familiaridade de lingua e obras castelhanas já datavam de mais longe. Sirva de exemplo o Cancioneiro de Resende, obra de tantos auctores: — pois talvez ahi se achem castelhanas mais de metade das composições, de auctores reconhecidamente portuguezes. Era moda, como foi d'outras vezes o italiano, e agora é o francez.

Casou-se Sá de Miranda com D. Briolanja d'Azevedo, e até nisso quiz mostrar o desprezo das cousas mundanas, pois esta senhora era tão feia que seus parentes duvidaram de a entregar antes de Sá de Miranda saber o que levava, desconfiando que elle se arrependeria. Teve dois filhos; a morte de um delles, Gonçalo Mendes de Sá, succedida em Ceuta, é celebrada nas obras de Ferreira, e por Camões na egloga de Umbrano e Frondelio. — O outro, Hieronimo de Sá d'Azevedo, perpetuou a descendencia, e é notavel o facto que se conta do pedido do seu genro para que no dote da mulher entrasse o original de Sá de Miranda, que segundo se vê de Montfaucon, deve ser o mesmo que passou depois á bibliotheca real de Paris, aonde ainda hoje se conservará.

Morreu Sá de Miranda em 1558, tres annos depois de sua mulher. Não nos consta que em vida se imprimisse folheto algum das suas poesias, o que muito nos custa a crer. As primeiras obras de cujas edições temos memoria foram as suas duas comedias impressas por ordem do cardeal D. Henrique — *Os Vilhalpandos* em 1560 1 vol. 12 — e *Os Estrangeiros* em 1569 em 8.^o — Estas duas obras, ainda que de insignificante enredo, são modelos de um estylo dialogal, cerrado e conceituoso, sem affectação, com a phraseologia do tempo. Aquella parece que teve por fim dar uma amostra ao vivo da luxuria e prostituição a que já no tempo do A. estava reduzida a antiga Roma aonde se passa a acção; ao menos se essas não foram as intenções do A. não as desempenharia elle melhor se as tivesse. A admiração que o A. de vez em quando mostra a certos factos e depravações serve para nós de abono a favor da moral dos portuguezes no principio do seculo decimo-sexto.

A acção dos estrangeiros passa-se em Palermo, e começa a comedia em prologo apresentando-se logo esta em allegoria, contando ao auditorio a sua biographia: diz como nascida em Grecia, passára a Roma, donde era vinda a acolher-se naquella logar da representação, mui clara e corrente para substituir os autos que pediam consoantes que ella dispensava. Explica como será o principio do entremez, deixa o desempenho aos actores e desaparece. Nos *Vilhalpandos* tambem o prologo é feito d'allegoria. — Vem a senhora fama vestida de mulher, já se sabe, falla de si e encaminha os espectadores, fazendo-lhe tambem o prologo para entrarem na comedia. Ambas acabam, annunciando-se aos espectadores que se podem ir com Deus, pois já ahi não tem que fazer. Diremos de passagem que quando pela primeira vez lemos estes prologos ficámos sentidos de que o A. não tivesse escripto mais em prosa. A recordação que faz a fama da tomada de Tunes, nos

dá a entender que esta peça seria feita ainda sob a influencia do resultado do Barba Roxa, e por isso alguns annos antes de 1540. Estas duas comedias foram reimpressas em 1622.

(Continuar-se-ha).

DEVERES CIVIS DO PAROCHO.

HA um homem em cada parochia que de ordinario não tem familia, mas que tem relações com todas as familias: é chamado como testemunha, como conselheiro, ou como agente, em todos os actos mais sollemnes da vida civil; recebe o infante dos braços da mãe e acompanha o homem até o tumulo: abençoa o berço, a união conjugal, o leito do moribundo, e a sepultura: é um homem, que as creanças respeitam; a quem todos appellidam *padre*, que é palavra velha, traduzida hoje pela palavra *pai*; aos pés delle vão os christãos depor as mais intimas confissões, o secreto peso da consciencia; é por officio o consolador de todas as miserias do corpo e da alma, e obrigado a ser o medianeiro da riqueza e da indigencia; batem á sua porta ora o rico ora o pobre, este para receber a esmola sem vergonha, aquelle para a depositar sem fausto: está ligado com todas as classes da sociedade; com as inferiores, pela vida modesta e parca, e muitas vezes por humildade de nascimento; com as superiores, pela educação, pela sciencia e pela sublimidade de sentimentos que inspira uma religião philantropica: é um homem emfim que deve saber muito, que tem jus para dizer tudo, e cuja palavra se entranha nos corações e intelligencias com a auctoridade de uma divina missão, e o imperio da fé completa. Este homem, em summa, é o cura ou parochio; e ninguem ha que possa fazer mais mal ou mais bem do que elle, conforme ou desempenha, ou desconhece o seu elevado encargo social. — É o ministro da religião de Christo, incumbido de conservar os dogmas, propagar a moral, e diffundir os beneficios daquella pura crença pelo rebanho, que lhe foi confiado. — Destes tres ministerios principaes do sacerdocio nascem as tres qualificações do parochio, que analysaremos; isto é, como sacerdote, como moralista, e como administrador espiritual.

Como sacerdote, ou conservador do dogma christão, não nos compete examinar os seus deveres: o dogma é por sua natureza mysterioso e divino, imposto pela revelação e acceito pela fé, e o padre, como todos os fieis, nesta materia se reporta á sua consciencia, e á doutrina da igreja: porem assim mesmo póde o ecclesiastico influir utilmente na pratica da religião entre o povo que ensina. Algumas credulidades triviaes, algumas superstições populares, se confundiram em tempos de ignorancia com as sublimes crenças do dogma christão puro: a superstição é o abuso da fé; e portanto é da obrigação do ministro da religião remover as sombras, que offuscarem e desfearem a santidade do christianismo, que é por essencia a civilização pratica, e se não confunde com pias industrias, ou grosseiras credulidades de cultos erroneos e de decepção. O dever do parochio é cortar todos os abusos da fé, reduzir a crença do povo á grave e mysteriosa simplicidade do dogma christão.

Considerado no mister de theologo moral, ainda o exercicio pastoral do cura é mais digno de attenção. O christianismo é uma philosophia divina, escripta por dois modos; como historia, na vida e morte do Redemptor; como preceito, nos documentos sublimes que elle espalhou pelo mundo: o pre-

ceito e o exemplo estão reunidos em o Novo-Testamento; livro divino, que o parochio hade ter á vista, e penetrar-se da santidade das suas expressões, a fim de o explicar continuamente, como cumpre, porque nelle se encerra um sentido pratico e social, que illumina e vivifica o procedimento do homem na terra. Não ha verdade moral ou civil que não appareça nos paragraphos do Evangelho: todas as philosophias modernas fabricaram codigos moraes a seu modo, que porem decahiram logo e esqueceram; porque a philantropia nasce tão somente do primeiro e unico preceito, a caridade, dictada pela lei divina: a par da philantropia caminhou a liberdade, e não ha escravidão affrontosa que se atreva a subsistir em presença do clarão daquella virtude: a igualdade politica derivou do reconhecimento da nossa igualdade e confraternidade perante o Eterno: suavizaram-se as leis, aboliram-se os costumes deshumanos: estalaram os grilhões; a mulher reconquistou o respeito, e o logar que lhe era devido no coração do homem: á proporção que as palavras do christianismo foram soando pelo meio dos seculos, desabaram ou erros ou tyrannias; e se algumas passagens maculas velavam por tempos o seu esplendor, prestes resurgia mais radiante; podêmos dizer que todo o mundo actual, com suas leis, usos, instituições e esperanças, não é senão o resultado do verbo evangelico mais ou menos encarnado na civilização moderna. Mas a sua obra não está inteiramente cumprida: a lei do progresso ou do aperfeiçoamento, que é a idéa activa e poderosa da razão humana, tambem pôde e deve firmar-se na fé evangelica: aquelle divino livro manda que não paremos no caminho do bem, e nos instiga para subirmos á perfeição de que formos susceptiveis, prohibe-nos desesperar do melhoramento da humanidade; e quanto mais abrimos os olhos mais promessas se nos revelam em seus mysterios, mais verdades em seus preceitos, melhor futuro em nossos destinos! — Tem por isso o parochio nesse livro toda a razão, toda a moral, todos os elementos de civilização: abra e espalhe com mão larga o thesouro de luz e de perfectibilidade, cuja chave lhe foi entregue pela Providencia. Mas seja, como o de Christo, o seu ensino, por palavra e por exemplo; a sua vida deve ser, quanto é compativel com a humana essencia, uma explicação sensivel da doutrina que persuade, isto é uma palavra viva, que convença os seus freguezes. A igreja o collocou naquelle posto mais como exemplo do que como oraculo: a palavra que todos entendem é o bom viver; não ha linguagem tão eloquente e tão persuasiva, como o exercicio da virtude.

O parochio é o administrador espiritual dos sacramentos, e tambem dos beneficios da caridade; porque nas freguezias bem organisadas, e onde o pastor tem credito merecido, é uma especie de esmoler das pessoas abastadas; é pelo menos consultado em todos os actos de beneficencia, e na sua probidade descansam os que se compadecem das miserias dos indigentes. Lida o parochio nestas circumstancias com os homens de todas as jerarchias; deve conhecê-los; vê-se em contacto com as paixões humanas; hade ser compassado, prudente, e brando. Vem cahir-lhe debaixo das suas attribuições os erros, os arrependimentos, as miserias, as precisões da mesquinha humanidade, que tanto flagellam ricos, como pobres, posto que em variados grãos; e o parochio hade remediar se pôde, precisando sempre de sollicitar os lenitivos do mal; e quando remedios não valem hade espargir o balsamo da consolação. Precisa ter o coração bem cheio de tolerancia, de misericor-

dia, de mansidão e de caridade! E se estas virtudes lhe não inundarem a alma, não será digno parochio. Quão difficultoso é este encargo nas provincias em povoações pobres, affastadas por longas distancias, e incommodas pelos rigores da temperatura! Ah quanta escolha deve haver nos sacerdotes enviados a tão santo ministerio! Quanta diligencia no governo para lhes ministrar a subsistencia!

Os direitos e deveres civis do cura d'almas cifram-se nestas palavras: — eu sou christão: — lá estão os evangelhos, que são o seu codigo, e as leis da sociedade os não contradizem. Todos devem desempenhar o sentido desta phrase: — eu sou christão: — mas o parochio hade profundar, anatomisar esta idéa: deve ser esse o seu pensamento unico: — porquanto, que distancia vai da ovelha ao peguireiro? Que differença do mestre ao discipulo? . . .

Os deveres do parochio para com o governo são de sua natureza simples; são os de qualquer outro cidadão; a obediencia nas cousas justas. Nem se hade apaixonar pelas fórmulas ou pelos cabeças dos governos; as fórmulas modificam-se, os poderes mudam de nomes e de mãos; são cousas humanas, transitorias, instaveis por sua natureza: mas a religião, governo eterno de Deus sobre a consciencia, está acima dessas vicissitudes politicas. O parochio é o unico cidadão, que tem jus e dever de ficar neutro nas contendas e rumores de partidos que dividem entre si os homens e as opiniões, porque não pôde prégar senão amor, e paz; e para elle, mais que para todos, os homens são irmãos; é o representante de quem regeitou que se vertesse uma gota de sangue em sua defesa, dizendo a Pedro que embainhasse a espada.

Nas suas relações com as auctoridades territoriaes, não se esquecerá o parochio da brandura e conciliação; e de que é elle o homem de Deus ao pé do seu altar, na cadeira da verdade, á porta do miseravel e do enfermo, á cabeceira do moribundo; mas que em todas as occasiões mundanas é um dos homens mais humildosos e menos influentes. A sua auctoridade só intervem para a pacificação, e esta só pôde alcança-la por meios suaves. Qualquer tempestade politica que levante ou assopre é um escandalo para o seu rebanho, para o clero, e para a patria. — Precisa manter-se com decencia proporcional ao seu estado; mas os seus rendimentos só podem provir ou de estipendio pago pelo governo, ou de quotas contribuidas pelos freguezes. Em as nossas pressentes circumstancias administrativas não podemos decidir-nos exclusivamente por qualquer destes meios: e qualquer delles offerece inconvenientes; se pelo Estado precaria será de certo actualmente a subsistencia do parochio; se por derrama lançada entre os freguezes, sobejas contestações mostram a inefficacia dessa medida. A mais alta sabedoria está reservada a solução do problema, que desejámos ver quanto antes resolvido. Pôde ser que ambas as fontes, encaminhadas ao mesmo ponto, supprissem; mas ainda assim muito havia que attender á divisão ecclesiastica do reino, á topographia das parochias, e aos recursos de cada uma: taes haverá em que o pastor espiritual deva ser mantido á custa dos coffres publicos; e outras em que dispense qualquer subsidio com o rendoso pé d'altar. Lembrámos porem que não é conveniente pôr os parochos dependentes desse provento casual, chamado pé d'altar; estímulo será para a cobiça; ainda que em algumas partes descupavel seja esta pitanga pela imperiosa lei da necessidade. Nunca nos pareceu bem que os ministros da religião, encarregados da cura d'almas, estivessem dependentes unicamente dos tenues, incertos, e voluntarios auxilios dos seus parochianos, para subsistirem. Quize-

ramos poder dizer-lhes: — « Esquecei-vos desses proventos adventicios; recebei-os embora dos ricos que insistem em vô-los offerter, mas não olheis para as mãos dos pobres que se envergonham por não os poderem dar. Não tenham preço material vossas benções e orações. » — Mas lastimosamente em muitas povoações provincianas nos veremos obrigados a dizer aos fieis: — Os proventos do altar são insufficientes; fiz alguns sacrificios para obterdes o pasto espiritual das vossas almas. — Confiámos que o futuro remediará tão graves inconvenientes; não seremos dos que se anticipam ou se precipitam em planos de reformas, e quereremos antes aguardar pelas lições da experiencia.

Contemplemos agora o parochio digno deste nome no extremo da sua carreira: alvejaram-lhe as cãs, já as mãos tremulas mal podem erguer o calice, a voz sumida já não faz echo no sanctuario, mas ainda sôa nos corações do seu rebanho querido; morre em fim, e uma lousa, talvez sem nome, ou alguns punhados de terra lhe cobrem os ossos no cemiterio vulgar. Mas esse homem, que foi repousar na eternidade, terá em lagrimas sinceras a recompensa do desempenho do seu ministerio sagrado. Continuou elle o ensino d'um dogma immortal, serviu de annel a uma serie infinita de virtude e de fé, e propagou para as gerações futuras, como seu unico legado, uma crença indestructivel, uma lei immutavel, e a lembrança e a veneração d'um Deus de plena misericordia e de toda a consolação.

Festa dada a Alexandre, o grande da Russia na cidade (1) de Alexandre, o grande, de Macedonia.

— Para me exprimir poeticamente direi aos meus leitores que Phebo impaciente, impellindo o carro luminoso, doirava apenas com os primeiros resplendores o nosso hemispherio, quando me arrancou dos braços de Morphêu uma grande matizada de trombetas e tambores, entremeada de guinchos mui agudos e berros de vitellos, e por intervallos acompanhada de estampidos de artilharia. Não atinando com a rasão de bulha tão confusa e estrondosa, e e que ia em augmento, semelhante ao mugido crescente das vagas do mar irritado; corri á janella, receando-me logo de que estourasse alguma rebelião, e nos viessem cercar em nosso bairro franco ou dos christãos; acontecimento que não é para admirar no Levante, onde são tão movediços os animos e tão facil de atear-se o fanatismo. Porem que assombro foi o meu, vendo um bando de doze musicos arabes, acocorados defronte do okel (2), desempenhando porfiosos uma sonata verdadeiramente privativa do inferno! Compunha-se a maldita orchestra de alguns clarinetos, trombetas, timbales pequenos, um descommunal zabumba e uma especie de destemperada gaita de folles. Estes professores empenhavam-se, como por despique, a vencerem-se reciprocamente, e deram-me occasião de admirar a rijeza dos pulmões dos arabes. Estava a rua atulhada com o tropel de gente de todas as idades e condições, e as janellas das casas proximas todas cheias de pessoas tão curiosas como eu de ouvirem o descommedido concerto. Entrei a procurar com os olhos

os animaes pacificos, cujos berros lamentaveis havia pouco escutára: eis que um novo mugido, que sahia de centro daquelle grupo de musicos por antiphrase, me fez reparar com assombro n'um mouro ou arabe, munido de uma espantosa trombeta, donde o amaldiçoado extrahia os mugidos que me escandalisaram os ouvidos. Sube pouco depois que esta engraçada symphonia era em honra do anniversario natalicio do imperador Alexandre, e que o consul da Russia, que habitava o mesmo okel onde eu me achava, encommendára a musica. Durou ella grande parte da madrugada entrando pela manhã; e eu, satisfeita de sobejo com tal amostra da pericia arabe, fiquei fazendo votos interiores para evitar de futuro similhantes concertos. Contaram-me então que tendo alguns amadores europeus da bella arte musical, arranjado, não sem muito trabalho, uma orchestra, digna de ouvir-se, começaram como de costume, n'uma assembléa a que assistiam muitos orientaes, uma symphonia de abertura: os turcos e arabes presentes perguntaram insoffridos quando teria começo o concerto. Responderam-lhes que se tocava a primeira peça: abanaram elles as cabeças dizendo que pensavam que os musicos estavam afinando os instrumentos, que o que até alli ouviam não era musica, e que escusavam de gastar o seu dinheiro para cousa nenhuma. Parece por isto que os orientaes a este respeito tem idéas bem diversas das nossas. O motim e algazarra lhes servem d'harmonia; talvez que alguns modernos compositores na Europa se passassem a Alexandria achassem por lá mais voga. — *Baroneza de Minutoli. Recordações do Egypto.*

CONQUISTA DA ILHA BALZAR.

CONQUISTADA no anno de 1659 com felicissimo successo a praça de Damão pelo famoso vice-rei D. Constantino de Bragança; e sacudidos valorosamente pelo insigne capitão Antonio Moniz Barreto das visinhanças della os abexins, que pouco antes a dominavam, pareceu não só conveniente, mas preciso metter debaixo do mesmo jugo a ilha de Balzar, pouco distante, na consideração de ser um, como antemural para a defeza da cidade contra as invasões, que os inimigos podessem tentar por mar e terra, e por ser um passo franco para a conducção dos mantimentos e munições no caso de qualquer assedio. — Por estes mesmos motivos a havia fortificado e guarnecido com reparos, armas, e gente, Cide Bofetá, senhor que acabava de ser de Damão. — Mandou o vice-rei sobre ella a Pedro d'Almeida, capitão de Baçaim, e a seu irmão D. Luiz com trescentos soldados que no dia 24 de Março do referido anno a investiram com estremado valor; e posto que os defensores se esforçaram a nos impedir a entrada, como andavamos tão costumados a vencer e elles a serem vencidos, cedendo ao nosso impeto, e ao seu temor, desampararam precipitadamente as fortificações, e a ilha, e conseguiu sem sangue o affortunado vice-rei accrescentar ao estado um florente dominio, e ao nome portuguez nova reputação.

(1) Alexandria no Egypto: vide a respeito desta cidade tão commerciante a pag. 349 do vol. 4.º

(2) Da-se este nome ás casas dos consules das nações estrangeiras: e provem a sua etymologia de uma palavra arabe, que significa fortaleza; porque a maior parte daquelles edificios são construidos com certo apparatus de fortificação, e tem uma só entrada, que se fecha exactamente e com segurança em occasiões de peste ou de rebelião.

É mais facil reprimir o primeiro capricho que satisfazer todos os que se lhe seguem.

O segundo vicio é mentir, o primeiro contrahir dividas. A mentira monta na garupa da divida. — Bem curta parece a quaresma a quem tem de pagar pela paschoa. — Os credores tem melhor memoria que os devedores,